

Discurso na recepção do Doutoramento *Honoris Causa*
pela Universidade de Coimbra, em 11 de Junho de 2006

Immanuel Wallerstein

Sinto-me extremamente honrado por ser aceite na vossa família como Doutor Honoris Causa da mais antiga universidade portuguesa, uma das mais antigas universidades do mundo. O pouco que posso oferecer-vos em retribuição são algumas reflexões sobre a forma como concebo o futuro da universidade, como instituição de produção e de reprodução do saber, no século vinte e um.

Quando Théóphilo Braga escreveu a sua imensa *Historia da Universidade de Coimbra* em 1892, para comemorar o VI centenario da sua fundação, ele iniciou-a com uma breve discussão sobre o significado das universidades no século doze. Ele afirmou o seguinte:

Uma era que termina e uma idade nova que se inicia apresentam o caracter complexo e até certo ponto indeterminado de uma decomposição e recomposição simultaneas da velha synthese...e das aspirações vagas que tendem a systematisar-se no progresso do futuro.

Para Théófilo tratava-se da transição de um sistema católico-feudal para um sistema moderno, científico e industrial, uma transição que perdurou até ao século dezanove. Ele considerava que a Universidade de Coimbra desempenhava um papel central nessa transição, desde a sua criação em 1290 pelo rei D. Dinis e sua ratificação pelo Papa até à sua moderna organização no século dezanove. O que Théóphilo escreveu sobre Coimbra era igualmente verdadeiro para todas as universidades europeias. As estruturas renovadas do século dezanove representavam um importante salto em frente para as estruturas do saber - faculdades e cátedras diversas, cursos de ensino específicos para cada uma das disciplinas, o carácter crescentemente burocratizado da universidade e, sobretudo, o que não existia antes - uma profunda separação entre as duas culturas, entre as artes ou humanidades e as ciências. Essa divisão supunha epistemologias distintas que, em muitos casos, se chegavam mesmo a opor uma à outra.

Essa divisão foi parte integrante da geocultura triunfante do liberalismo centrista que deu um papel central ao perito especialista capaz de garantir decisões sábias e moderadas na esfera pública. Mas como assegurar que isso se passaria assim? Para os cientistas somente se poderia

conhecer correctamente através de análises sistemáticas, empíricas e de preferência quantificadas da realidade. Para os humanistas, o objectivo era a compreensão hermenêutica, o *Verstehen* segundo os alemães.

Somente hoje começamos a entender as limitações dessa divisão do saber em duas categorias separadas e opostas. Essa divisão cria a falsa ideia da neutralidade social do saber, da impossibilidade de manter unificada a procura do verdadeiro, do bem e do belo - quer dizer, a procura da verdade plausível e pertinente das realidades actuais e das opções do futuro.

Vivemos hoje o desafio das ciencias da complexidade contra a ortodoxia newtoniana e sua insistência na flecha do tempo e nas incertezas do mundo e do saber. Vivemos o desafio dos estudos culturais contra os canones humanistas e sua insistência nas condições sociais de criação, leitura e interpretação de textos. Vivemos um enorme movimento intelectual cujo objectivo é a reunificação das duas culturas numa única epistemologia.

Por isso, evidentemente, vivemos um momento de transição de grande importância para as universidades de todo o mundo. Como disse Théophile,

Uma era que termina e uma idade nova que se inicia apresentam o caracter complexo e até certo ponto indeterminado de uma decomposição e recomposição simultaneas da velha synthese...e das aspirações vagas que tendem a systematisar-se no progresso do futuro.

Novamente vos agradeço por me receberem na vossa família. Espero ser fiel às vossas expectativas.